

A REFORMA.

PROPRIETARIO E REDACTOR—O BACHAREL ANTONIO DE SOUZA RUBIN

ANNO II

Este jornal publica-se uma vez por semana

Theresina, 15 de Setembro de 1888

Assignaturas—Por anno 8000 para a capital e 10000 para o interior.—Por se mestre 5000 capital e interior.

NUMERO 66

As assignaturas são pagas adiantado, bem como as publicações de interesse particular. Serão recusados os escriptos que não trouxerem a responsabilidade legal. Escriptorio e redacção—rua da Gloria n.º 18.

EXPEDIENTE

A columna das sollicitadas recebe artigos de quem quer que seja uma vez que tragam a devida responsabilidade e ordem para pagamento adiantado.

A REFORMA

Correspondencia do Rio.

(Gazeta do Norte)

As noticias politicas desses ultimos dez dias são de pouca importancia.

A situação do ministerio não soffreu a menor alteração, continuando-se a dizer que seus destinos estão dependentes da boa ou má vontade do barão de Cotegipe.

Ess assim não é, pelo menos apparentam os factos que assim deve ser.

Ainda na ultima eleição da meza da camera dos deputados, os opposicionistas colligaram-se e votaram no sr. Jayme Rosa para 1.º secretario.

Foi este o resultado da votação:

Carlos Peixoto, governista	61 votos
Jayme Rosa, opposicionista	41
Coelho Rodrigues, opposicionista	1

Donde resulta que a maioria governista não excede de 19 votos, inclusive os da gente do barão de Cotegipe, que votou com o governo. Deduzidos os 10 votos com que elle pode contar na deputação bahiana, é evidente que o governo ficaria em minoria de 4 votos, se elle quizesse derribal-o.

O conselheiro João Alfredo, porém, continúa a fallar como se tivesse o rei na barriga, com auctoridade e certo menospreço pela opposição conservadora, que lhe retribue na mesma moeda.

Os intimos propalam que elle conta com a confiança illimitada da Corôa para responder aos ataques das camaras; os adversarios insinuam que a princeza imperial regente já não dissimula a má vontade que lhe vota, queixando-se de que a arrogancia do 1.º ministro tem estimulado o movimento republicano. Os que entendem das cousas palacianas accrescentam que a princeza imperial continuará a sejar effectivamente depois da volta de S. M. o Imperador ao qual assessorará na gerencia dos negoci-

os do Estado e que para isto não se retirará do palacio de S. Christovão, onde estão se fazendo concertos a toda pressa.

Com a volta do Imperador, a princeza regente aproveitará a oportunidade para descartar se do ministerio e chamar os liberaes ao governo para realisar as reformas democratas, à sombra das quaes se agita a propaganda republicana.

Diz-se tambem que a contemporisação do barão de Cotegipe em desacordo com a perseguição que está exercendo contra os ministros, ridicularisando-os com a mais fina satyra, quasi diariamente, no senado, procede da desconfiança que tem da princeza regente, e diz a seus amigos não convir derribar o João Alfredo enquanto ella estiver de posse da alta magistratura do paiz. Aguarda a chegada do Imperador para dar batalha campal e derrotar as forças governistas. Talvez por isso tenha declarado no senado que se estivesse em seu poder deitar abaixo o ministerio não o faria, com receio da *celha de Syracusa*.

Despeitado como está o chefe do gabinete, não me parece desrazoado o que se lhe attribue relativamente a possibilidade de ser succedido pelos liberaes. Diz-se que, havendo dissolução de camaras, o governo não preparará a dissidencia conservadora; e como não poderá fazer maioria conservadora, facilitará em muitos districtos a victoria dos liberaes, que por essa forma subirão constitucionalmente com força e prestigio.

O que parece fóra de duvida é que o gabinete não conta com maioria sua para tudo, e que se não tem contra si mais vastos elementos conservadores, é pelo receio em que está a dissidencia de ser ferida de morte ou esmagada, caso se dê uma dissolução de camaras.

LETRASE ANTES

Conto instantaneo.

Elle partia e ella chorava: tal foi a ultima tragedia amorosa por mim assistida.

Alberto era estudante, 18 annos era a sua idade e adorava extremamente a Laura, donzella de 15 risustas primaveras, uma pintura de belleza e que o considerava sua vida, sua alma!

O cumprimento do dever, esta força irresistivel para o homem de bem, separou-os, quando elles se consideravam felizes.

Uma ordem paterna obrigou Alberto a abandonar o seu idolo e seguir uma carreira, que lhe offer-

cesse bello futuro, de que era merecedor o seu talento.

Em menos de uma hora Laura ficou sabedora de tudo.

Ella partia!

Lgrimas brilhantes e sinceras immediatamente orvalharam-lhe o niveo rosto. Mas, que fazer?

Todas as pesquisas seriam inuteis, todos os obstaculos que apresentasse seriam dissipados e a sua vontade esquecida.

Então ella recolheu-se ao leito, o melhor lenitivo para suas dores, e tal foi a irrigação perenne de seus formosos *castanhos*, que em poucos momentos seu rosto ficou completamente inundado.

Tarde já estava, 8 horas da manhã, quando abandonando esse estado, ella sahio á varanda. Rumor da passos fez-se ouvir e era Alberto o recém chegado.

Tremulo, receioso e reflecto de saudades elle encaminhou-se para ella e estendeu-lhe a mão.

Pergunta-lhe ella, pallida e triste como a sua dor:

Quando parte?

Como que um punhal agudo acabava de ferir o sympathico manco até a medula e muito mal pode pronunciar estas palavras:

—Infelizmente já

Absorta, inanimada e pensativa fitou-o.

Depois, erguendo-se, abriu os braços e loucas de amor uniam-se cada vez mais aquellas duas almas puras!

Um minuto permaneciam assim, quando foram despertados pelo apitar do vapor, annunciando a dolorosa separação. E enquanto uma lagrima de Alberto cahia sobre a face de Laura, ella depunha sobre o coração do amante o seu primeiro beijo.

Ede partio e ella chorava!

Rueph.

SOLICITADAS

Em roda da «Epoca»

Apezar de *esmagados* pelo frio desprezo da folha do centro, que guarda para commosco um tão calculado silencio, nós ousamos ainda uma vez esquecer a nossa humildade para sahir ao encontro da mais alta potencia da nossa terra.

Perdoe-nos a «Epoca» se ostentamos demasiada pretensão orgulhando as nossas armas com quem se pode orgulhar de possuir soberbos titulos da mais pura heraldica, indo procural-o mesmo na arena mephitica das mais torpes injurias; onde, força é confessal-o, os nossos adversarios se sentem tão a gosto, como se vivessem em seu verdadeiro elemento.

Ha actos que revelam tanta in-

dignidade, tanta vileza da parte de quem os pratica, que têm a propriedade de despertar vehementemente irritação e repugnancia d'aquelles que não costumam se perturbar diante mesmo dos mais monstruosos productos da perversidade humana.

Não exageramos garantindo que os actos, que o centro (ou cousa que melhor nome tenha) tem praticado contra o partido do exm. sr. dr. Coelho de Rezende, são tão repulsivos que, para poderem encalar-los, precisamos munir-nos do mais forte desinfectante.

Deixando de parte os circumloquios, procedamos à autopsia do cadaver putrefacto que se denomina «Epoca», o orgão das baixas intrigas, que se pretende galvanisar, inoculando-lhe nos tecidos os miasmas que distillam da penina contaminada dos seus redactores.

Antes de tudo queremos tornar saliente que o centro, representado na imprensa pela «Epoca», não conhece solidari-da le quando se trata dos seus arranjos particulares, não tem escrupulo de abandonar os seus amigos que, embora dedicados, commetteram a imprudencia de desafiar os horrores da adversidade.

Elle, que só tem um fim—explorar por todos os modos, em proveito exclusivo da sua bolsa, os mais pingues empregos—, não sabe romper com o poder senão quando este nega-se a satisfazer a sua cobiça.

Nada pode justificar a humilhante posição do centro em face do governo actual, que tem espelhado por todos os modos aos seus representantes da camera temporaria—Coelho Rodrigues e Cicero Piauhyense.

Estes deputados, não podendo mais alludir ao sr. João Alfredo, que lançou lhes em rosto a indecencia do seu procedimento para com o exm. sr. dr. Coelho de Rezende, declararam-se em franca opposição, depois que viram malogrados todos os meios que puzeram em pratica para uma nova conciliação.

A expulsão não podia ser mais humilhante para quem affectava tanto prestigio. Mas quando se suppunha que o centro, tomando em consideração a vergonha que soffreram os seus amigos, havia de acompanhal-os no caminho do ostracismo para compartilhar as suas dores, eis-o que deserta do seu posto de opposicionista para guindar-se até a altura onde paira o 10 de Março, mendigando a sua compaixão.

Isto é simplesmente indigno e caracteriza os sentimentos de taes homens e nós não precisamos de pintar-o tal qual é, com a sua face repellente. Homens, que abandonam os seus amigos no momento em que estes tanto carecem do seu auxilio, não tem a menor dose de sinceridade e só coube-

cam a politica do egoismo, dos inconfessaveis interesses pessoais.

A prova de que ha profunda divergencia entre a «Epoca» e os deputados Coelho Rodrigues e Cicero em relação ao ministerio—10 de Março.—é que, ao passo que estes se aliaram com os membros da opposição, aquella permaneceu fresca e *coquette* a respeitar um olhar, um sorriso do governo, appellando para a commiseração do sr. Vieira da Silva, o nosso novo presidente.

Em vista disto que confiança pode inspirar um centro assim contaminado de todos os vicios, que não tem coragem de amparar na sua queda amigos tão dedicados, que foram os seus companheiros inseparaveis, sinão generaes, no combate mortifero que acabam de ferir contra o exm. sr. dr. Rezende?

E' que a cada um dos seus membros se pode applicar a phrase de Voltaire—*achacun préche pour son couvent*!

Representando o triste papel que lhe foi destinado pela sua constituição organica, o centro pela bocca da «Epoca» de 6 do corrente, fazendo crer que o nosso illustrado e venerando chefe o exm. sr. dr. Coelho de Rezende tem deitado empenhos pela demissão do administrador dos correios desta provincia, aproveita o ensejo para tecer uma abominavel intriga, accrescentando que o sr. Francisco Mendes é o melhor dos mortaes e que em questões de habilidade e honestidade ninguém lhe leva a palma.

Que a folha centrista, encarando as acções humanas por um prisma tolo seu, sobrecarregue de pomposos elogios aos seus amigos, que, pela maior parte, só possuem o servilismo como titulo de recommendação, não nos é licito estranhar; mas o que não podemos tolerar é que façam do nosso chefe pretexto para a sua obra eucomiastica.

Não sabemos se o dr. Rezende empenha-se pela demissão de tão excellente amigo da «Epoca» porque elle nada nos communicou a respeito; mas o que podemos garantir é que elle não precisava de sacrificar a verdade para provar que o sr. Francisco Mendes, no periodo agudo da senilidade, não tem mais aptidão para exercer cargo publico algum.

Attestados eloquentissimos em favor do nosso aserto podem ser fornecidos na corte pela directoria geral dos correios, onde esse funcionario tem officios que são cariosas peças paleontologicas.

Em todo o caso, se a folha do sobrado sabe da existencia de alguma carta em que o dr. Rezende revele as suas intenções a respeito do sr. Mendes, degnarie-a, publique-a, sob pena de ficar considerada um miseravel novelheiro.

Assumiado ares de ridiculo truão, a folha das tristes inver-

procura fazer a custa do dr. Re- zende um espirito tão alvar que mais se assemelha com um cre- pitus ventri.

Assim como basta uma folha a um botânico para reconhecer toda a planta, assim tambem esta pilheria caracteriza o espirito burlesco e chulo dos nossos adversarios que, mostrando a pronuncia da predilecção pelas armas dos garotos, não podem querer que os respeitemos.

Quem disse aos novelheiros da «Epoca» que o dr. Coelho de Re- zende, depois de annunciar a que a situação era inteiramente sua, declarou que iria administrar a provincia do Maranhão?

Essa graça infeliz só pode revelar uma coisa:—que os nossos adversarios, baldos de calumnias com que deprimam o caracter do nosso prestimoso chefe, não hesitam em emprestar-lhe as suas proprias qualidades.

Desfructavel como o centro só o proprio centro que se compõe de valientes que, a semelhança de hispanhol, seriam capazes de sor- ver de um só trago todo o oceano si não temessem pela navega- ção.

A rançosa pilheria ficaria sem resposta, si não estivessemos em uma época em que as mais gres- seiras calumnias tomam avultadas proporções e encontram rapida circulação.

O centro, si ainda lhe sobra al- gum resquicio de pundonor, a- presente uma prova siquer de que o dr. Coelho de Rezende commu- nicou para esta provincia as no- ticias de que a folha do sobrado se fez arauto.

Não haveria nenhuma novidade na nomeação do dr. Rezende para presidente mesmo da melhor provincia do imperio, porque, brava- mente embora o libalismo, elle re- une em si todas as qualidades pre- cisas para o desempenho de tão elevado cargo. Não combatemos, pois, a possibilidade de uma tal realisação, mas a intenção mali- ciosa com que os novelheiros es- palharam a noticia.

Publique a «Epoca» as provas, sob pena de passar para o rol dos impudentes fibusteiros, que só sabem viver brincando a reputa- ção alheia com verdadeiros ins- tinctos de canibais.

Tambem não é verdade ter o nosso chefe «annunciado por car- tas e telegrammas que só espera- va ouvir a voz do um chefe para se declarar em opposição ao ga- binete 10 de Março.»

O que ha a respeito e que não é mysterio, porque consta dos an- nuaes do parlamento, foi o que elle declarou em um dos seus primei- ros discursos deste anno—que, se não tinha motivos para se dedi- cado ao ministerio, tambem ainda não tinha razão sufficiente para lhe ser hostil.

Isto quer dizer que, si o gabi- nete, perante quem elle advogava os interesses do 2.º districto, não o attendia, adoptando com prom- ptidão as medidas por elle recla- madas, tambem não o desatten- dia e ia embatando-o em esperan- ças, embora procrastinadas.

Vê-se d'ahi que, quando o dis- tincto e esforçado deputado assim se exprimia, encarava as ques- tões vitais do 2.º districto, cujo mandato elle sempre tomou ao se- rio, e, ao envez de certos poltrões, sempre procurou desempenhar com a maior dedicação e fide- lidade.

Assim explicado, este trecho do seu discurso, longe de deprimir o seu caracter, só pode eleva- lo, se por ventura ainda fosse susce- ptivel de elevação.

Sob outra epigrapha a folha do sobrado passa a contestar a exis- tencia de uma carta que, segundo é notorio, o centro dirigio ao seu amo na corte empenhando-se to- tis viribus pela remoção do de- missão do exm. sr. dr. Licinio e aproveita a occasião para enno- doar a s. exc. com accusações per- versas que o seu caracter inflexi- vel está longe de supportar.

Não passa da verdadeira hes- panholada a provocação que a «Epoca» faz para que exhiba esta carta um certo cavalheiro de alto colhumo, a quem, affirma ella sob nossa responsabilidade, o sr. Coel- ho Rodrigues a mostrou.

Nunca se affirmou que o sr. Coelho tivesse mostrado carta al- guma a cavalheiro de qualquer es- pecie; apenas garantimos que um cavalheiro, aliás alheio ás luctas politicas do Piahy, por meios que nada influem no caso, teve en- seu poder tal carta, cujo contendo transmittio a uma pessoa da nossa sociedade, sem nenhuma intenção de tecer intrigas, mas simples- mente para apreciar os sentimen- tos de taes homens. Convem nar- tar que em identico sentido coin- cidiram revelações de outras pre- cedencias.

Esse documento existe e talvez a «Epoca» se arrependa de pro- vocar a quem não pode, é certo, fornecer-lhe o original, que se achá em mãos do seu dono, mas pode dar um certificado irrecusavel da sua existencia.

Enfim para cortar a questão, responda-nos a «Epoca», se o cen- tro dirigio ou não ao sr. Coelho Rodrigues a respeito do dr. Licinio uma carta datada de 14 de julho e assignada tambem por al- guns aggregados, pedindo, depois de uma bem escolhida descompo- stura, não só a sua remoção para fora da provincia, como a sua demissão de 1.º vice presiden- te, affim de que não pudesse sub- stituir na administração ao sr. Vi- veiros de Castro?

O exm. sr. dr. Licinio ainda des- ta vez não logra escapar, aos botes envenenados da «Epoca», que nesta mesma noticia o maltrata, al- legando que elle só se votou á causa do exm. sr. dr. Coelho de Rezende, «depois que este se fez governista e que o sr. Viveiros de Castro deixou a administração da provincia.»

Por mais insolente que seja esta accusação, o exm. sr. dr. Li- cinio não tem motivos para to- mal-a em consideração, porque, como Ovidio entre os sarmas, elle pode responder que os seus aggressores só o chamam de barbaro porque elle não entende o seu bárbaro dialecto. Isto é, que a «Epoca» só lhe dá quali- dades de aventureiro porque elle nunca commungou os seus bai- xos sentimentos.

Enão de que servem os protes- tos de s. exc. em favor do dr. Rezende, todos em épocas anteri- ores á eleição provincial?

Tanto é certo que a sua presen- ça o incomodava que o centro, quando se reunia para decidir so- bre as reacções do 2.º districto, jamais convidou a s. exc. para assistir a essas reuniões, como lhe cumpria no duplo caracter de segunda auctoridade da provincia e membro proeminente do partido.

Porque razão muito antes do exm. sr. dr. Coelho de Rezende tornar-se governista e o sr. Vivei- ros de Castro retirar-se da provin- cia, o sr. Coelho Rodrigues dirigio a s. exc. duas cartas—uma de 30 de Maio e a outra de 2 de Julho, na 1.ª exprobando-o por ser rezen-

lista o aconselhando-o a que pe- disse a sua remoção para fóra da provincia, e na 2.ª dizendo-lhe que daqui lhe haviam communicado que, se s. exc. não tivesse appoi- do ao dr. Rezende, isto não teria feito o que fez na sua eleição provincial?

Como se explica a circumstan- cia de ser lançada em rosto á s. exc. uma dedicação que, no dizer da «Epoca», ainda não existia?

Da tudo isto o que se conclue, em que pese á dialectica do centro, é que este já havia conhecido as inclinações de s. exc. para o exm. sr. dr. Rezende e procurou obstar a que ellas se accentuassem por actos mais eloquentes.

Esta questão de conversão á ultima hora é um assumpto já tantas vezes ventilado e outras tantas refutado, pulverisado, razão porque julgamos ocioso dar-lhe maior desenvolvimento.

Ainda sob a epigrapha—no dis- curso—a folha do sobrado, fazendo uma abundante provisão dos mais hediondos termos que só podem ser fornecidos pela porno- graphia das ribeiras, investe com furor fecho contra o dr. Rezende a proposito de um aparte que sahio no seu discurso do dia 3 de Julho, attribuido ao sr. Coelho Rodrigues.

Nesta marcha brevemente tere- mos o nosso respeitavel chefe responsavel por todos as sandices que o centro proferir.

Só ten-lo o espirito já tão obce- cado pelas nevoas do despeito, como a «Epoca», é que se pode accusar a um deputado de enxer- tar em seus discursos apartes que nunca foram proferidos, sendo sa- bido que esses apartes são apa- nhados pelos tachygraphos e que o orador, na revisão, mal corrige as palavras que pronunciou.

Demais não deixa de ser extem- poraneo o confronto que a folha do sobrado estabeleceu entre os deus apartes do seu amo, porque já este fez a necessaria rectifica- ção no *Diario do Parlamento* á pag. 633.

So o centro acompanhasse as discussões do parlamento, não se espantaria com um facto que dia riam-se se reproduz, pois os *Di- arios* vem sempre cheios de rec- tificações que fazem os deputados, ora contestando o aparte que lhes foi attribuido, ora fazendo-lhe alteração.

É um facto natural um engano destes, porque em um recinto on- de os apartes se cruzam tumultu- arios, não é difficil que um ou outro seja mal ouvido pelos tachy- graphos, não cabendo aos ora- tores a responsabilidade da sua pu- blicação.

Assim, pois, se a gente do so- brado deseja achar responsavel por um engano de que foi victima o seu pratão, que ajunte as suas contas com os tachygraphos.

Além disso o que pretende a folha adversa com toda esta histo- ria?

Provar que não teve participa- ção na remoção do nosso distincto amigo Coelho Bastos?

Ora bolas...

Não podemos deixar de dar publicidade á uma pergunta que por vezes esteve prestes a cair- nos do bico da pena—porque a «Epoca» até pouco tempo julgava inconveniente uma opposição á administração do sr. dr. Licinio, por ser membro proeminente do partido e de uns dias á esta parte tem mudado de opinião e já acha que a sua eminente posição não o salva dos seus ataques?

Será porque s. exc. já perden a sua qualidade inviolavel de— mysterio proeminente do partido? Não o cremos, antes parece-nos que esses dias da administração têm vindo consolidar a posição de s. exc.

Mas então só resta uma expli- cação e é que o centro só costuma hostilizar os presidentes depois q' estes são demittidos.

Partidari da formula—*le roi est mort, vive le roi*—, elle só ousou atacar de frente a s. exc. depois que soube da nomeação do novo presidente, isto é, que a adminis- tração de s. exc. está a finlar.

Tomamos, porém, a liberdade de prevenir aos novos abessinios que se contenhão, porque o sr. dr. Licinio ainda não se acha apazado do poder e, emquanto via- ja o exm. sr. dr. Viciu da Silva, s. exc. tem muita tempo para de- cepar muitas papoulas. É conve- niente moderar a sua intemperan- ça de linguagem, pois pelo háver risco em despertar o leão que dorme.

A Phalange Macedonia

Palestra com o sr. Honorio Parentes

Amigo, recebemos o seu recado de que foi portadora a «Epoca».

Ficam-s sciente de que o amigo não é homem que ande por ahi a morrer de caratis e não sabe recuar diante de qualquer difficul- dade quando se trata de engrossar o seu bem bojudo malhão; todos nós fazemos-lhe a justiça de não duvidar que o amigo é devoto do— *auri sacra fames*—do poeta. E haverá por ahi alguém semsaborão que ouse censurar o seu gosto?

Pois então haverá quem seja bastante tolo para cular em resis- tir ás inebriantes scintillações das malvadas amarelinhas?

Lá malvadas são ellas! Pois os diabos são mesmo de tentar á gen- te!

O amigo não sabe que os he- breus, segundo rezam as chronicas, mandando ao diabo o seu Deus verdadeiro, que era a bondade em pessoa, foram adorar a um bezer- ro, simplesmente porque era... de ouro?

Olhe que os exemplos vem de longe e o amigo pode aconselhar aos invejosos que farão bem em beber agua, se antes disso não en- contrarem tambem o seu bezerro, mesmo de cobre.

Entretanto pedimos permissão ao amigo para observar-lhe que houve engano no endereço do re- cado. Este recado por força devia ser para o centro que é que está debaixo.

Ou então, meu amigo, especula- ram com a sua boa fé. Ahi anda dede essa maldicta circular que sahio annunciando que o nosso go- verno tinha a mesma ephemera duração da rosa de Malherbe.

Abra o olho com os espetalhões, que em tudo isso pode andar gra- ças de algum Itacolmy de marcos to.

Pois então o amigo é creança para acreditar que o pão-de-ló só nos foi dado por 30 dias?

Se o amigo accetasse um conselho nós sempre lhe diriamos—que mu- de o endereço e faça com que a- quella recado vá parar nas mãos do centro. Fez-nos isto, sim?

A Phalange Macedonia.

P. S. Iamo-nos esquecer lo de communicar-lhe que aquelle Coelho selvagem, aquelle Coelho das du- zias, antes de dar as de villa Diogo pelo caminho da opposição, ainda se lembrou de espetar no coração do amigo uma flecha de Parthos.

Prepare-se o amigo para rece- ber a triste nova: foi extinta a Colonia que tanto sacrificio lhe cus- tou para arranjar.

Milhetto Coelho! E gaste a gen- te sua cera com tão ruim delunto! Conforme-se com os decretos insonlavais da Divina Providencia (bapa) e lembre-se de que J. B. o piciente Job tambem se viu di- nite para o dia privado dos seus haveres.

A mesma Phalange

Epitaphia

Sempre que os nossos adversa- rios contam com a situação, e têm a seu dispor juizes instrumentos, aptos para tudo, não ha escandilo e nem abuso diante dos quaes sejam capazes de recuar.

O que actualmente se vae dando n'aquella localidade é a mais ro- busta e evidente prova do que vi- mos de dizer.

Os *siipostos dominadores* da- quella terra—tão perfeitamente con- hecidos pela fiel descripção que d'elles fez o dr. Luiz Duarte—con- tando com o servilismo d'um juiz leigo, acabão de tentar uma accão, com o fim da realosa coarctaria de N. S. do Carmo voltar á antiga posse d'uma familia privilegiada que ha feito d'ella seu patrocínio para enriquecer com o auxilio dos bens da Santa; uma vez que outra condemnacão não tem, outra culpa não expia, sinão a cegueira da vista com que são fulminados os in- dividuos que mal se comportam, o são faltes de probidade!...

Na familia privilegiada já ha ranitos cegos... mas, mesmo assim, não se cohibem, e menos temem o castigo, porque o fim só é aug- mentar a fortuna; muito embora com a perda de orgão tão impor- tante.

—Porém, não obstante a auda- cia de que se revestem os donos de Piracurua, o que nos consola e fortalece é a certeza de que, acima do abuso e do poderio, ha a justiça encarnada na pessoa do juizes que não se amolgam, não re- curam diante da prepotencia, e distribuem aquella de accordo com a lei, e segundo os dictâmes da sua consciencia.

Assim é que confiamos que a monstruosidade erguida pelos man- dões de Piracurua, não produzirá resultado, e será desfeita pelo in- tegro e distincto Juiz de Direito— dr. Belmont, perante quem pende, em grau de appellação, a decisão dessa causa.

—Seria a maior das calamida- des se a confraria viesse a cair sob o d'iminio á posse d'essa familia privilegiada, que ja devia estar satisfeita com a fortuna, adquirida com o *auxili* da Santa, que cede- lhe os bens, mas a vae cegando...

—Chegou aquella cofarraca o dr. Anizo, quando tudo já estava preparado, e nada tem feito, mes- mo por que, como é costumeseu, só vive-trancado, e não sabe mais.

Tudo correu por conta do celebre juiz Cunha, auxiliado por Silvino á mandado do homem da colheira...

Por não pactuar com taes banalidades é que os conservadores d'aquella localidade, se empenham com o dr. Pires Ferreira, crendo que este tem grande valor, pela remoção do dr. Belmont—unico obstaculo que encontram a seus desmandos.

Esperamos melhores esclarecimentos para tratarmos detidamente esse negocio.

Justus

Do interior

Um amigo do interior remettendo e pedindo a publicação do seguinte artigo, naturalmente escripto depois de que sobre o assumpto já dissemos ao sr. Mangrôba.

A Phalange Macedonia

QUEM É A PHALANGE MACEDONIA.

E' uma congregação de certos caracteres, escriptos de tudo quanto possa ser repellido e condemnado por qmã sã moral, que, em boa hora, affrontando as iras de meia duzia de entes que se apresentavam no scenario politico ornados com uma plumagem de enxada, correu pressurosa ao campo das lides para, em nome da liberdade, da lei e do direito, vilmente conspurcados, brandir as armas da defesa em prol da mais justa e santa das causas.

A Phalange macedonia—é como a hydra de Lerna—de cada uma das cabeças, outras renascem mais altivas.

Quando se ergueu no seio onefero o pavoroso apparato da praça de Greve, de onde, iracunde e corhardemente, fizeram cahir a herculea cabeça do nosso proeminente chefe, succedida por outras dos seus mais bravos e aguerridos soldados, levados ao altar do sacrificio pelas mãos nefarias dos mais ambiciosos e gratoitios inimigos; só uma voz, estridente e vingadora, erguida como um protesto solenne em face de tantos crimes, partiu do meio desse infante turbilhão de inveterados odios, pura e santa como deve ser a voz da verdade; só uma mão, robusta e forte, alçou-se para arrancar a mascara que occultava a hediondez desses rostos criminosos, afeitos e poluidos pelas vicissitudes de uma vida cheia de trações e perfidias... Sim; só uma voz e uma mão poderam escapar sem mancha; de entre a distribuição das lamas!

E essa voz e essa mão foram a voz e a mão do pujante eleito do 2.º districto, moi nobre e heroicamente representado na imprensa pela briosa—Phalange macedonia.

Agora, que não vos resta mais duvida sobre quem seja a phalange macedonia, essa cohorte de bravos, dizei-me: Quem é esse centro?

Qual foi a sua posição ante o governo estragador; e qual é ella ante o reparador?

Cabai-vos?!

Mostrai-vos, assim, tal qual deveis ser: poderosos e austeros, quando esculdado na força do poder; capachos e reles, quando conduzidos á sirga de outrem.

Onde está, pois, a vossa tão apregoadã ostentação?

Suppunhéis que deveria ser eterna a vossa oligarchia?

Pobres de espirito!

Abaixo, abaixo as armas!...

Nec semper lilia florent.

Nem sempre seria, como foi, tão malfadada a sorte do povo piauhyense.

Estabelecendo um ligeiro confronto entre os factos presentes e passados, vjãnos o que dahi resulta.

Hontem via-se uma porção de ganhadores, se lentos de vingança, atirando-se qual famelicos tigres sobre a primeira das victimas que lhe passava ao alcance das garras...

Tudo,ahi, era—pranto, maldição, miserias!

E, hoje, o que vemos?

O riso, que substitue ás lagrimas; as bençãos e louvores, que sobrepujam ás maldições; a fortuna, que repelle á miseria; a luz, que succede ás trevas.

E quem foi capaz de praticar taes beneficios?

Que alma magnanima seria essa, tão grande e tão nobre, que, pondo de parte as commodidades da vida, desceu até o logar de onde se elevavam os prantos e gemidos dessa porção de victimas de uma politica vil e caprichosa?!

Que homem seria esse, capaz de praticar taes grandezas, que não fosse o nosso sempre festejado e sympathico chefe, dr. Coelho de Rezende?!

A Phalange macedonia, pois, que outra coisa não é, e com póde ser mais, do que o poderoso elemento de defesa aos sagrados direitos do independente electorado conservador do 2.º districto da provincia, declina da honraria de entrar em mais pormenores, julgando haver dado á esses miserimos e xochantans (xochcaçã) bastante sobre o fim honroso de sua nobre missão.

Au revoir.

Um da phalange.

A questão de Indemnisação

Tem-se feito grande barulho com o facto de pretenderem os fazendeiros, ex-proprietarios de escravos, uma justa indemnisação de seus prejuizos por effeito da lei de 13 de maio.

A questão não é tão simples como se afigura a muitos; merece detido exame.

Para que leva a por enthusiasmo para a praça publica, na cidade do Rio de Janeiro? O Rio de Janeiro se não é o Brasil? O que de util podem edificar paizões? Discuta-se, e resolva-se.

O direito á indemnisação foi consagrado nos leis de 28 de Setembro de 1871 e de 1883. Como, portanto, estranhar aos ex-proprietarios de escravos o exercicio de um direito não prejudicado pela abolição da escravidão?

Em 1871, quando era discutido o projecto, que depois foi a lei de 28 de setembro, era geral a opinião que, abolido por lei o estado servil, era devida a indemnisação, ou em serviço, ou em dinheiro.

Dixarei de parte o que foi dito na camera dos deputados, para não alongar esta publicação. Quero apenas invocar o testemunho de snads juriscultos que então tinham assente no senado, e que sustentaram a proposta Rio-Brance.

Na sessão de 9 de Setembro de 1871 o senador visconde de S. Vicente (depois marquez), combatendo o systema dos resgates por dinheiro, para prefeir o da proposta do governo, mediante a prestação de serviços, communicou ao senado que, no conselho de estado, apresentara como arts. 9 e 10 da mesma proposta em elaboração as seguintes disposições:

Art. 9.º A escravidão ficará inteiramente abolida para sempre em todo o Imperio do Brazil no dia 31 de dezembro de 1899.

Art. 10. Os senhores que n'esse dia ainda possuirem legalmente escravos se-

vão indemnizados do valor d'ellos pela forma que uma lei especial decretada em tempo, determinar.

Esta idéa não foi aceita, principalmente (disse elle) por ser um perigo social a previa fixação do prazo para a abolição.

E o marquez de S. Vicente já então era suspenso; e hoje é incoado para a desnecessaria demonstração de que a propriedade sobre escravos era sui generis.

Sem embargo, elle sustentou energeticamente a indemnisação no dia que a lei designasse para a cessação do estado servil, aos que ainda então possuissem escravos. E este dia era o 31 de dezembro de 1899!

O senador Nabuco, na sessão de 26 de setembro, foi mais explicito; eis a sua epiphora:

«Eu disse, senhores, que não me importava dicentir esta distincção de propriedade, e a razão é porque agora não tratamos de abolir a escravidão. Se tratassemos de abolir a, não poleríamos fazel-o senão como tem feito todos os paizes, republicas ou monarchias, governos regulares como a Inglaterra, governos em plena revolução como a França em 1848, isto é, mediante indemnisação.

Quaesquer que sejam as origens da propriedade, a indemnisação é dividida, porque a sociedade é culpice d'este facto e o tem regalado, e até creado impostos sobre elle.»

O senador Camillo Mendes de Almeida, meu illustre irmão, na mesma sessão, impugando a theoria da distincção da propriedade para se negar a do senhor sobre o escravo o direito de indemnisação, dizia de modo categorico:

«Tanto en son abolicionista e desejo ver quanto antes resolvida e votada esta proposta, quanto entendendo que a nação deve-se portar n'este negocio de uma maneira digna, briosa e justa; esta propriedade deve ser tão respeitada como é a das cousas e seres inanimados. A constituição, no art. 179 § 22, nenhuma distincção faz, e não podgmos por nosso arbitrio estabelecer-a, com o proposito de negar um direito a'li positivamente consagrado, o da indemnisação.

«Esta propriedade tem um valor e não póde ser facilmente destruido, e aos olhos da nação tem como tal tanto merecimento como a outra; para a acção do direito é perfeitamente equiparada, e a constituição, não distinguindo-a, nem assignalando-a, sujeitou o paiz ao onus da indemnisação. A indemnisação n'este caso não póde e nem deve ser o espirito de equidade simples ou saprema mas de rigorosa justiça.

«Não queremos a continuação d'essa propriedade; queremos acabar com a escravidão. E' muito justo, estamos no nosso direito; mas indemnizemos a quem confiou na palavra do legislador, quando assegurou ser licita e legitima essa propriedade, como era geral a creença. Não fazamos leis sómente para satisfazer as paixões de uma parte do paiz, com danno da outra; o nosso interesse deve ser a confraterisação de todos.»

«Eis, pois, tres juriscultos, notoriamente conhecidos por taes, e ardentes abolicionistas e como sempre o foram e se mostraram, não duvidando affirmar, todos elles, o direito á indemnisação. E o marquez de S. Vicente accatou bem o modo legal de ser dada a indemnisação: como lei especial decretada em tempo.»

Não no momento da d'eração da abolição, mas posteriormente no dia da cessação do estado servil, por uma lei especial, como acaba de fazel-o o illustre chefe conservador, o Sr barão de Gótype.

E' de muita sabedoria este pensamento de J. rancias Bentham: «Abrindo espaço ás esperanças legitimas, deteremos os excessos das esperanças illegaes.»

João Mendes de Almeida

Declaração

Tendo assignado em favor do commandante Jose Martins Corrêa um documento no valor de um conto de reis com os juros de um por cento ao mez, desde o dia 2 de Dezem-

bro de 1887, e pormorte d'elle não tendo recebido de que pa-sasse á outrem o mesmo documento, venho pela imprensa declarar que esse se acha sem valor algum, visto ter sido pago a viuva do mesmo José Martins Corrêa, de quem tenho recibo.

União, 3 de Setembro de 88.

Padre Alvaro José de Lima

A flor

Lembras-te? A rosa pallida, tão bella, tão doactiva, eterno, mais que amto, Maltuada por ti, linda donzella, Foi; mas não perdeu o perfume.

Velo affligir me o peito, tanto e tanto, Que feria-me tambem o coração, E, tão para a flor; morta, no entanto Enlutavel-a dos eões esta visão.

A flor, mulher, donzella pallida, Esse meu soffrimento, a dor tão cãlida Que por teu peito e amor nunca soffri!

Deixas sem ovelha a meiga flor Fizaste-me trobar de teu amor Perder a crenga, pois que a flor perdi.

Maurício Macambuzato.

Sinhá.

(A...)

Vem cá, Sinhá formosa, Te senta junto a mim: O pallido jasmim De tua tez mimesa—

Dá-te uma graça tal, Que amar-te faz me assir: Eu digo que, sem ti— O mundo nada val!

Eu amo o riso breve Que tua bocca me escreve, Linda como a alvorada!

Os dois brilhantes paros De teus olhos escuros, Me matam, minha amada!

8—9—88.

Raul.

GAZETILHA

Telegramma

Rio, 9 de agosto.

Foram elevados a comde os viscondes do Rioac, de Carapêbus e da Motta Maia.

Crime de Peripery

E' contrario á verdade dos factos o que sob a epigraphe acima noticia um correspondente no «Telephone» n. 275.

A respeito do assassinato de Raimundo Pinheiro, o brioso partido liberal de Peripery se ha collocado na posição mais digna possível, qual a de procurar impedir que a politica mesquinha d'aquelles paes sejam sacrificados os principios e garantias de um moqantuz, a quem se devia, bazarar, em vez de affligir tão asperamente.

Não ha muitos dias as autoridades de Peripery siltando por cima da lei expressa, atiraram á enxada o capitão Luiz Lopes, que lá ainda estaria, apesar do official da guarda nacional, se, em virtude de representação nossa, não houvesse

o digno sr. dr. chefe de policia interino da provincia dada as providencias exigidas pelo cas).

Isto não mantém o correspondente do «Telephone», que bem mostra ser um inimigo acerrimo do capitão Luiz Lopes, a quem desejava toda sorte de males.

Desgraçada paixão, o odio!

Censoreio

No dia 7 do corrente mez uniram se pelos laços do matrimonio, na egreja de N. S. do Amparo, o nosso illustrado amigo, dr. Manoel Luiz de Souza Lima com a exm. s.ª d. Carolina Rosa Pereira, digna irmã dos nossos prezados amigos Raimundo José Pereira e José Luiz Pereira.

Numero crescido de cavalheiros e senhoras de maior distincção concorrerã a cerimonia, que foi celebrada pelo revm. sr. conego Honorio José Saraiva.

Simulãdo do coração o nosso duto amigo dr. Souza Lima, desejamos lhe uma existencia de continuas venturas em companhia de sua cara e virtuosa esposa.

Chegadas

A esta capital chegaram os nossos importantes amigos tenente-coronel Aristides Mendes de Carvalho e capitão Tiberio Marreiros, deputados provinciales.

Comprimntamol-os affectuosamente.

Retgresso

Depois de alguns dias de estada nesta capital seguiu para Campo-mour, lugar de sua residencia, os srs. José Rodrigues de Miranda, e capitão José Fernando Alves.

Feliz viagem lhes desejamos.

Partida

Regressou a esta cidade com sua exm. familia o nosso prestimoso amigo Domingos Rodrigues de Azevedo, a quem saudamos.

Estada

Acha-se entre nós o sr. capitão João Miguel Jarrinha. Nossos cumprimentos.

Por occasião do banquete que houve em Paris para solemnisar a abolição da escravidão, o Imperador dirigio ao comite organisador da festa o seguinte telegramma:

«Obrigado. Associo-me de coração a esta festa, que houva um acontecimento glorioso da minha patria»

O ministerio do imperio declarou ao presidente da provincia da Bahia, em resolução do officio n. 69 de 19 de junho ultimo, que não estando ainda em execução o novo regulamento do registro civil dos nascimentos, casamentos e obitos, approvedo pelo decreto n. 9886 de 7 de março do corrente anno, cuja installação está dependente do cumprimento de livros de que trata o art. 4.º, cumpre que as autoridades locais, a que se refere o dito regulamento, aguardem as ordens do governo, mantendo-se a escripturação até hoje seguida ao que respeita ao estado civil.

Por telegramma

Os presidentes das relações de S. Paulo a Porto Alegre foram reconduzidos.

Foi nomeado Juiz de Direito da comarca da Casa Branca o bacharel Alcibiades Juvenal de Mendonça-Uchoa.

Houve diversas nomeações para Juizes municipais.

A entrada do deputado republicano Monteiro Manso motivou grande discussão.

Consta que a opposição pretende dar novo combate ao governo com o que não concordou o Barão de Cotegipe.

Diz o Jornal do Recife:

Em carta de pessoa auctorizada dizem-nos que o sr. conselheiro Lafayette pensa que o sr. João Alfredo não enverrará as camaras.

Dr. Hygino Cunha

Regressou a esta capital este nosso illustre amigo.

Podem-nos a publicação do seguinte soneto, que deixa de ir em solicitadas por já estar fechada a pagina respectiva.

SONETO

(Imitação)

A um poeta.

Vem! Resplende o recinto do sagrado Templo. Terás entrada Vem, oh! sim! Todas te esperam. Canta-o joven Rubim; O Leonidas canta; o estylo ama-lo

Ostenta Pompilio; caprichoso assim Está sempre o Nascimento fascinado E o B morto, nervoso e namorado. Borda sonetos slab-strinos. Enfim,

«Há gemidos e canticos, harpejos De alegria e de amor, gritos atrozes. Franto, ruidores tremulos de beijos...»

«Entra tambem e canta. Em tal momento, Deve ser grato ouvir, entre essas vozes, —O ornejo repentino de um momento!»

Corda 1

Lista geral dos alumnos Internos do Collegio de N. S. das Dores.

- 1 Antonio Frederico Corrêa
2 Adolpho C. Rapozo Camara
3 Antonio Pereira da Silva
4 Anchises C. Rapozo Camara
5 Arthur Soriano G. de Mello
6 Bernardo F. dos Santos
7 Carlos A. de Araujo Costa
8 Cesario Claudiano de Souza
9 João A. Perdigão
10 Eugenio da Cunha Belmont
11 Henrique C. da Costa Rubim
12 João Evangelista Marques
13 José Franco de Carvalho
14 José Pereira da Rocha
15 Joaquim de Barros Alencar
16 Joaquim da Cunha Belmont
17 José Canuto Pereira
18 Luiz Furtado de Mendonça
19 Manoel Pereira da S. Martins
20 Manoel Gonçalves Machado
21 Moyses Maria Eulalio
22 Pedro Licinio de M. Barbosa
23 Raimundo Pereira da Rocha
24 Urbano Maria Eulalio
25 Virgilio da Costa Rubim

RELAÇÃO DOS ALUMNOS MATRICULADOS EM DIVERSAS AULAS DO COLLEGIO.

PORTUGUEZ

- 1 Antonio Pereira da Silva
2 Carlos A. d'Araujo Costa

- 3 Cesario Claudiano de Souza
4 Eugenio da Cunha Belmont
5 João A. dos Santos Lima
6 José Canuto Pereira
7 João Evangelista Marques
8 Laudelino José Baptista
9 Manoel Gonçalves Machado
10 Virgilio C. da Costa Rubim

FRANCEZ

- 11 Antonio da Costa Rabella
12 Carlos A. d'Araujo Costa
13 Cesario Claudiano de Souza
14 Eugenio da Cunha Belmont
15 Henrique C. da Costa Rubim
16 José Canuto Pereira
17 Joaquim de Barros Alencar
18 Manoel Antonio de Carvalho
19 Manoel Gonçal Machado

INGLEZ

- 20 Adolpho C. Rapozo Camara
21 Anchises C. Rapozo Camara
22 Arthur Soriano G. de Mello
23 Bernardo Fortunato dos Santos
24 Henrique C. da C. Rubim
25 José Gil C. Branco
26 João A. Perdigão
27 Joaquim da Cunha Belmont
28 Odylo de Moura Costa
29 Pedro Licinio de M. Barbosa
30 Luiz Furtado de Mendonça

LATIM

- 31 Adolpho C. Rapozo Camara
32 Anchises C. Rapozo Camara
33 Bernardo Fortunato dos Santos
34 Cesario Claudiano de Souza
35 Francisco de Moura Rios
36 José Martins de Freitas
37 João A. Perdigão
38 João Evangelista Marques
39 José Franco de Carvalho
40 Joaquim da Cunha Belmont
41 Luiz Furtado de Mendonça
42 Moyses Maria Eulalio
43 Urbano Maria Eulalio

ARITHMETICA

- 44 Antonio Frederico Corrêa
45 Adolpho C. Rapozo Camara
46 Anchises C. Rapozo Camara
47 Bernardo Fortunato dos Santos
48 Carlos A. d'Araujo Costa
49 Henrique C. da Costa Rubim
50 Joaquim da Cunha Belmont
51 Joaquim de Barros Alencar
52 Luiz Furtado de Mendonça
53 Manoel Antonio de Carvalho

GEOMETRIA

- 54 Antonio Frederico Corrêa
55 Arthur Soriano G. de Mello
56 Bernardo Fortunato dos Santos
57 Henrique C. da Costa Rubim
58 Joaquim da Cunha Belmont
59 José Antonio Perdigão
60 Joaquim de Barros Alencar
61 Moyses Maria Eulalio

GEOGRAPHIA

- 62 Augusto Ewerton e Silva
63 Arthur Soriano G. de Mello
64 Domingos Monteiro da Cunha
65 Pen-lon Ferreira C. Branco
66 José Franco de Carvalho
67 José Ferreira C. Branco
68 Pedro Licinio de M. Barbosa
69 Urbano Maria Eulalio

HISTORIA

- 70 Antonio da Arêa Leão
71 Arthur Soriano G. de Mello
72 Domingos Monteiro da Cunha
73 José Franco de Carvalho
74 João A. Perdigão
75 José Martins de Freitas
76 Joaquim da Cunha Belmont
77 Joaquim de Barros Alencar
78 Moyses Maria Eulalio
79 Pedro Licinio de M. Barbosa
80 Urbano Maria Eulalio

RHETORICA

- 81 José Martins de Freitas
82 José Franco de Carvalho
83 João A. Perdigão
84 Pedro Licinio de M. Barbosa

PHILOSOPHIA

- 85 Arthur Soriano
86 João A. Perdigão
87 José Franco de Carvalho
88 José Martins de Freitas
89 Pedro Licinio de M. Barbosa.

AULA PRIMARIA

- 90 Hermínio Rios.
91 José Alves da Rocha
92 Manoel Pereira da Rocha Martins
93 Raimundo Alves da Rocha

Annuncios

BOTICA DO POVO

Neste estabelecimento ministra-se com toda precisão informações relativamente ás saídas do Maranhão para Caxias e vice-versa, dos vapores da Companhia de Navegação a vapor do Maranhão, assim como todas e quaesquer outras informações relativamente a passagem, bagagem &c.

O proprietario do dito estabelecimento, devidamente autorisado, communica ao respeitavel publico que somente em caso de força maior serão transferidas as saídas dos vapores do porto do Maranhão, saídas que serão nos dias 4, 16 e 28 de cada mez; e que lbe serão participadas por telegramma, afim de que possa fazel-as conhecidas do publico, todas alterações que por ventura se dêem, já transferindo a sahida de qualquer dos vapores, já nas tabellas das saídas, passagens &c

Theresina, 14 de Sembro de 1888

Doutor Francisco Sant'Anna.

MEDICO OPERADOR

Recebe chamidos para esta capital e interior da provincia.

Consultorio—Rua de S. José n.º

—THERESINA—

Consultorio Medico e Cirurgico

O dr. Tibério Soares Burlamaqui está a disposição do publico desta capital para os serviços de sua profissão.

Reside á rua da Gloria — N.º 40 —

Xarope e Pasta de Seiva do Pinheiro Marítimo

de LAGASSE, Pharmacocutico de Bordeaux.
Aprovado pela Junta de Hygiene do Rio de Janeiro.
Os medicos francezes mandão para Arcachon, perto de Bordeaux, os doentes fracos do peito, afim de que respirem o ar embalsamado dos seus pinheiros e bebão seiva que se extrah do pinheiro marítimo.



DENTRIFICIOS

PADRES BENEDICTINOS



ACABARAM-SE AS DORES DE DENTES.

Aos DENTRIFICIOS dos R. R. P. P. Benedictinos da Abbadia de Soulac (Gironda) deve-se esta notavel conquista a medicina.

Conhecedores, em tempo mui remoto, de segredos que ainda hoje não poderam ser penetrados, os padres das diversas comunidades fizeram, graças aos esforços do trabalho e á actividade de cerebros verdadeiramente geniaes, descobertas maravilhosas e, o que é mais, fecundissimas em resultados praticos.

UM MAU DENTRIFICO

DESTROE OS DENTES

As dores de dentes e o mau aspectoq os dentes tem, chamaram a attenção do Reverendissimo Padre Pierre Boursaud, Prior da Abbadia de Soulac (Gironde).

Este illustre Chímico descobriu um poderoso elixir, que desde o anno de 1363 tem prestado relevantes serviços á Humanidade.

Impede que os dentes fiquem esfarelados, impede a produção da cárie, dá-lhes brilho, resistenciã e assim evitando as causas das fencial o dentes.

O seu uso, quando diario, é a unica garantia para que possamos conservar nossos dentes até a velhice.

PRODUCTOS DOS REVERENDOS PADRES BENEDICTINOS.

POS DENTRIFICIOS dos Reverendos R. P. Benedictinos

PASTA DENTRIFICA dos Reverendos R. P. Benedictinos.

ELIXIR DENTRIFICO dos Reverendos R. P. Benedictinos

Os Dentrificos dos R. R. P. P. Benedictinos, sem cujo uso são impossiveis á belleza, á graça, á elegancia, vendem-se nesta provincia nos estabelecimentos dos Srs.

- Theresina
José Pereira Lopes
Manoel Raimundo da Paz
Odonê do Alencar
Domingos R. de Azevedo
Antonio G. P. Portollada
João da Cruz e Irmão
José Felix Alves Pacheco
Solomto Baumann
Franklin V. & Comp.
Feliciano V. & Comp.
Pellipe Gomes Neves
Gonçalves & Filhos
Theodoro da Silva Ribeiro
José Ribeiro Gonçalves

Advertisement for W. CADE & CO'S CHAMPANHA. Features a bottle of champagne and text: 'CIDRA-CHAMPANHA EST 1801. PODE SE SUPPRIR EM CAIXAS OU CIGOS &C. ORDENS EXECUTADAS POR INTERMEDIO DE NEGOCIANTES EM INGLATERRA. LIVERPOOL.'